

Antropologia em Ação

(Sua aplicação nas indústrias e em outras atividades humanas)

Waldemar Valente*
Antropólogo

O tempo atual, marcado de sentido essencialmente prático, não permite que as ciências se contendam em propósitos meramente especulativos. Ciências chamadas desinteressadas. Ciências servindo apenas de *hobby* para pessoas que desejam ocupar seus ócios com alguma coisa de exótico e curioso, à maneira do que ocorria, a princípio, com certos antropólogos, mais aventureiros que cientistas, à cata de curiosidades e exotismos entre povos estranhos, geralmente selvagens.

O fim exclusivo da ciência é descobrir a verdade. Ou, o que seria melhor dizer: a realidade que, às vezes, poderia ser intuitivamente pressentida, mas não seria comprovada pelos critérios e métodos da investigação sistemática de possíveis relações entre causa e efeito.

(*) Diretor do Departamento de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Tal verdade, ou tal realidade, uma vez descobertas ou reconhecidas, precisam ser aproveitadas em benefício do homem. No campo das ciências sociais, não raro, os resultados das pesquisas devem interessar às autoridades, aos responsáveis pelo bem-estar das sociedades humanas, aos chamados homens de governo, deles exigindo a necessária intervenção. Exigência que decorre de resultados que assinalam as más condições sócio-culturais em que vivem certas sociedades ou populações: distorções sociais, desequilíbrios econômicos, tensões raciais marcadas pelos preconceitos, fricções políticas, malentendidos religiosos. De maneira geral, atritos e desajustamentos culturais. Desajustamentos que geram um mundo de marginalidades. Atritos que criam, não apenas desentendimentos, mas até conflitos e guerras.

Fatos ou fenômenos estes sócio culturalmente cacogênicos suscetíveis de serem corrigidos, ou atenuados, ao menos, em suas consequências mais nocivas. Sociopatias que podem, não apenas ser curadas, em muitos casos, mas evitadas.

Daí, a necessidade de terem as ciências — no caso, as sócias, sem desprezar também as chamadas naturais, que lhes servem de auxiliares — além do seu objetivo desinteressado, especulativo, *do saber pelo saber*, também, e com ênfase característica, uma finalidade prática. Um objetivo utilitarista. Um sentido de aplicação. Aqui, não se devendo desprezar a advertência de Cora Du Bois, professora de Antropologia no *Radcliffe College* de Cambridge, Massachusetts, baseada no conceito geral adotado pelas mais categorizadas Universidades Norte-Americanas, em número de 12, que ela prefere não mencionar por motivo de discrição: "... um candidato ao doutorado em Antropologia deve ter conhecimentos sólidos em uma de suas especialidades" — que ela chama de "internas" — "um conhecimento geral e uma noção dos problemas, das outras especialidades que constituem a Antropolo-

gia (1). Neste trabalho, a autora chama a atenção para as preocupações e problemas de caráter prático da Antropologia, mostrando a ampliação de seu campo e o interesse que apresenta para a solução de certas dificuldades relacionadas com o estabelecimento do bem-estar humano.

As ciências, no momento atual, utilizando um tanto normativamente as suas experiências e os resultados de suas investigações, com o fim de dar melhores condições de vida ao homem, praticamente, em alguns aspectos de sua vida, estão exercendo a função que lhes compete no mundo moderno.

Ainda não faz muito tempo, eram as ciências sociais, encaradas apenas teoricamente, sem capacidade de aplicar em termos práticos os resultados de seus estudos.

Com a Antropologia, quer a Física, quer a Cultural — mas, com especialidade a Cultural — a descrença pelos fins práticos, pela aplicabilidade em favor do bem-estar humano foi fato que persistiu até bem pouco tempo.

Não é esta a oportunidade de falar sobre as vicissitudes porque passou a Antropologia, sobretudo a Cultural e que, de certa maneira ainda hoje vem passando, no que diz respeito ao interesse prático que deve ter em todos os campos das atividades do homem.

No entanto, vale a pena chamar a atenção para a importância que a Antropologia vem assumindo cada vez mais nos diversos setores dessas mesmas atividades.

Embora, só ao tempo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o trabalho do antropólogo pudesse ser aproveitado com objetivos práticos, as utilidades da Antropologia, tanto da Física, como da Cultural, alguns anos antes já eram conhecidas e postas, em alguns campos de atividade, em aplicações favoráveis ao bem-estar do homem. Assim, aconteceu com a Antro-

(1) — *Os objetivos atuais da Antropologia nos Estados Unidos*. Capítulo 2.º do livro *Panorama das Ciências do Comportamento*. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1964 (Trad. portuguesa, autor não mencionado).

pologia Física em relação a certas especialidades médicas, sobretudo nas que dependem mais fortemente da Biotipologia (2), como também com implicações do estudo da personalidade na cultura, no que concerne à Pediatria e à Psiquiatria (3). Com a Antropologia Cultural a utilidade mais ampla, no caso da Medicina, “consiste na lealdade antropológica de perceber as principais correntes de uma cultura à medida que se chocam com os indivíduos” (4).

Donald Horton (5), em estudos quantitativos suficientemente planejados para demonstrar, com sentido de profundidade, teoria sobre a saúde mental, chegou à evidência de que quanto maior é o nível de inquietação e angústia numa sociedade, maior é a frequência do alcoolismo. Não deve ser diferente — pelo menos, em alguma de suas causas — o que acontece com a juventude atual, no abuso do álcool, da maconha, de estupefacientes, capazes de produzir uma fuga a problemas de várias ordens, com estabelecimento de um estado de alheamento e euforia. As vezes, conforme os indivíduos, com manifestações também explosivas e até de agressividade.

Horton chegou também a correlacionar “a intensidade

(2) — Vide: Berardinelli, Waldemar — *Tratado de Biotipologia e de Patologia Constitucional*. 4. ed. Rio de Janeiro, 1942. Neste particular, sendo indispensáveis as obras de Giacomo Viola, Nicola Pende e Mario Barbara, fundadores e continuadores da Moderna Escola Biotipológica Italiana. Ainda merecendo destaque a tese de H. Laugier, biotipologista francês, apresentada no Congresso de Ciências Antropológicas realizado em Londres em 1934, em trabalho sob o título *Les Méthodes Biotypologiques et la Classification Humaine*. E mais recentemente o livro de W. H. Sheldon, da Univ. de Harvard, em trad. francesa: *Les Variétés de la Constitution Physique de l'Homme*. Presses Universitaires de France. Trad. da 4.ª ed. americana, por André Ombredane. Livro que vale como valiosa introdução à Psicologia Constitucional.

(3) — Vale a pena consultar a propósito os dois capítulos *Specific Mental — Health Implications of Technical Change* e *Mental Health during Technical Changes*. In: Mead, Margaret — *Cultural Patterns and Technical Change*. New York, The New American Library, 1955.

(4) — Kluckhohn, Clyde, In: *Antropologia — Um Espelho para o Homem*. Tradução para o português, de Neil R. da Silva. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1963. Cap. VII: *Antropólogos em Ação*, p. 168.

(5) — Apud Kluckhohn, Op. Cit., p. 168.

da bebida em certos padrões culturais de escape à agressão e de sexualidade". (6).

Tenho a impressão de que, bem orientadas, pesquisas antropológicas, complementadas no seu equacionamento interdisciplinar, com o auxílio da Sociologia, da Economia, da Psicologia e da Psiquiatria Sociais, aplicadas por especialistas competentes, conhecedores de nossa cultura, em cada uma das regiões ou sub-regiões brasileiras, com suas particulares influências ecológicas e dos problemas que se ligam à vida íntima dos jovens, visando o seu comportamento, poderiam trazer resultados esclarecedores. Não raro, tendo o pesquisador de adotar o critério do "caso particular", capaz de oferecer, senão soluções completas, pelo menos, sugestões aproveitáveis.

Na verdade, apesar de algumas experiências anteriores, podemos dizer que a Antropologia Prática ou Aplicada, surgiu, pelo menos como expressão e como orientação metodológica, com a revista *Applied Anthropology*, em 1941, mais tarde, em 1949, passando a chamar-se *Human Organization* (7).

Durante a Segunda Grande Guerra, a Antropologia Aplicada recebeu extraordinário impulso. Antropologistas ingleses desempenharam papéis importantes tanto no Almirantado, como no Foreign Office, no Serviço Britânico de Informações, no Inquérito Social de Guerra. Um foi conselheiro político do Oriente Médio. Outro teve sob sua responsabilidade administrativa o Sudão Anglo-Egípcio. Teve um que se encarregou dos problemas de relacionamento com nativos de Quênia e Abissínia.

Uma mulher, a antropologista Ursula Graham Bower, conquistou e manteve — tarefa bastante difícil para quem não tivesse a sua competência de Antropologista Cultural — a con-

(6) — Idem.

(7) — In Kluckhohn, op. cit., p. 169, inclusive nota de pé-de-página (24).

fiança dos *Zemi*, tribo situada em excelente posição estratégica entre o Assão e a Birmânia, a ponto de conseguir modificar de maneira sensível os resultados da invasão japonesa na Índia (8).

Na América do Norte, a capacidade profissional dos antropólogos tem sido bem utilizada. Assim, vem acontecendo na Inteligência Militar, no Departamento de Estado, no Escritório de Estratégia, na Junta de Bem-Estar Econômico, no Inquérito Estratégico de Bombardeamento, no Governo Militar, na Organização do Serviço Seletivo, no Escritório da Inteligência Naval, no Serviço de Informações de Guerra, no Corpo de Intendência, no Bureau Federal de Investigações, na *War Relocation Authority*, no Projeto *Alean Highway*, no Serviço Hidrográfico do Chefe de Operações Navais, na Administração Econômica Estrangeira, na Administração Federal de Segurança, no Serviço Médico da Força Aérea do Exército e na Divisão de Guerra Química (9).

Durante a Guerra, serviram os antropologistas na solução de problemas ligados a línguas e culturas das áreas críticas. Também eram seus serviços utilizados para descobrir e corrigir problemas relacionados com a moral das tropas. Assim, não é exagero realçar o esforço do antropologista no campo linguístico. Aprendendo as línguas nativas, nas suas gírias, nos seus *argots*, nos seus *slangs*, tornava-se mais fácil ao antropólogo não só a aproximação com os grupos estranhos, como a conquista da confiança, pela melhor comunicação e maior entendimento. Muitas vezes, entre eles — o cientista social e os nativos — descobrindo-se afinidades de temperamentos, de gostos e de idéias (10).

(8) — *Idem*, p. 171.

(9) — *Idem*.

(10) — Não raro, em contactos com raças e culturas estranhas, durante a 2.^a Grande Guerra, médicos, oficiais combatentes, às vezes simples soldados — de preferência estudantes universitários — transformavam-se em etnógrafos. Desta forma, contribuindo com suas descrições para as interpretações dos antropólogos.

Tal método foi adotado no Brasil, nos começos de sua colonização, em pleno século XVI, pelos missionários jesuítas, entre os quais avultavam as figuras de Nóbrega e Anchieta, aceitando certas práticas indígenas, fazendo concessões. Nas suas cartas para a Europa, nos seus fragmentos históricos, nos seus autos — sempre bilíngues — não é difícil vislumbrar autênticos precursores da etnografia indígena no Brasil. Entre os da Companhia de Jesus, não se devendo omitir o padre Fernão Cardim (11).

Os técnicos e estrategistas militares foram cada vez mais se apercebendo que, tanto nas frentes de combate, como na retarguarda ou nos locais onde se aglutinavam os centros industriais — de armamentos, de munição, de laboratórios de produtos farmacêuticos ou de produtos de guerra, nos serviços de abastecimento alimentar, nas fábricas de confecções de roupas, fardamentos e de outros artigos, necessários principalmente ao esforço de guerra, a participação do antropologista era indispensável.

No que respeita, por exemplo, ao trabalho de colonização, de países, como Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra, França e Itália, a política dominante era a de inculcar ou impor — sem reconhecimento dos valores culturais nativos — padrões das culturas peculiares aos países responsáveis pela colonização. O que parecia certo era transportar a civilização ocidental, em todos os seus aspectos — materiais, espirituais e sociais — para a África, para Ásia ou para América. Como se tudo se realizasse passivamente, tranquilamente, à maneira de um trabalho de decalcomania. Como se africanos, asiáticos ou ameríndios, com sua multiplicidade racial, sua pluralidade cultural, seu políglotismo, suas diversidades ecológicas, pudessem pacificamente, aceitar, de um dia para outro, à força bruta, valores, símbolos, costumes, estilos de vida, mo-

(11) — Ver: As *Cartas* de Anchieta e de Nóbrega. Também *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Todas, obras do século XVI, editadas no Brasil.

dos de trajar, tipos de alimentação, crenças e práticas religiosas, inteiramente diferentes dos padrões culturais que solidamente os caracterizavam, com suas tradicionais e profundas raízes comportamentais. Neste caso, estão, por exemplo, regras que caracterizavam relações de parentesco e de família. Regras que não podiam ser alteradas ou mudadas, num abrir e fechar de olhos. (12) Uma analogia, a meu ver, é, de certa forma, aplicável: a que se pode estabelecer com os transplantes de órgãos, a rejeição sendo fenômeno geralmente inevitável.

Os governantes desconheciam que hábitos e costumes nativos, tradicionais e enraizadamente mantidos, poderiam oferecer sérias resistências às mudanças.

Tais resistências se mostrando mais fortes no que se relaciona com aspectos espirituais da cultura. Especialmente, os religiosos. Não é fora de propósito lembrar as advertências de Fernando Ortiz (13), referindo-se à "aparente catolização dos negros", em Cuba, e as de Paul Marty, estudioso dos problemas do Islã e principalmente de sua influência sobre os povos fetichistas da África Ocidental, quando escreve: "... rigorosamente constituídos por uma armadura muito sólida de crenças, de tradições e direito costumeiro, fortemente encaixados por dinastias e chefes hereditários, solidamente defendidos por sociedades de feiticeiros, que fazem a mais viva oposição ao Islã, como às nossas instituições francesas, estes povos não estão amadurecidos ainda para a conversão islâmica" (14).

(12) — Vale a pena consultar os seguintes livros: *Desenvolvimento e Mudança Social*, de Juares Rubens Brandão Lopes. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1971; *As Culturas Tradicionais e o Impacto da Tecnologia*, de George M. Foster. Rio de Janeiro, ed. Fundo de Cultura, 1964. Trad. portuguesa.

(13) — *Los Negros Brujos*. Madrid, 1906. A propósito, é interessante consultar: *As Relações entre a Medicina e a Religião*, in *O Médico Moderno*, maio 1969. Trata-se de um inquérito do qual participaram médicos — um adventista e outro espírita — um padre-sociólogo, um rabino e uma testemunha de Jeová.

(14) — *Etudes sur l'Islam au Dahomey*. Paris, 1926.

Em certos casos, tal desconhecimento, sendo atenuado pela compreensão — já se podendo chamar, talvez, de antropossocial — de missionários e educadores. No exemplo brasileiro, já referido, dos jesuítas do século XVI, vale a pena insistir. No que se refere aos educadores, um exemplo ainda brasileiro, de autêntico pioneirismo deve ser lembrado: o de Gilberto Freyre, à frente da Cátedra de Sociologia, na antiga Escola Normal de Pernambuco, realizando trabalhos-de-campo com suas alunas, cujos resultados foram aproveitados em aplicações práticas (15).

Com o correr do tempo, foram os governantes vendo a necessidade de recorrer ao saber e a ação dos antropólogos (16).

O livro de Edwin Smith — *The Golden Stool* — talvez tenha servido para abrir-lhes os olhos, quando chamou a atenção para alguns costumes dos *axantes*, com os quais tiveram os colonos de fazer concessões (17).

Pelo menos, valeu como primeira prova de que a Antropologia Cultural poderia ser aplicada praticamente. Nesta prova, o episódio mais importante relacionava-se com o chamado *Trono Dourado* (*The Golden Stool*). Não só em 1896, como nos começos do século atual, a Inglaterra manteve guerras onerosas com os *axantes*, que eram um povo da África Ocidental. Os nativos eram desconhecidos dos próprios funcionários britânicos. Só em 1921, evitando novos distúrbios, um antropólogo — diz-nos Kluckhohm (18) — “mostrou o tremendo significado simbólico para os *Axantes*, do que aos ingleses poderia ser apenas o assento de um rei”: o *Trono Dourado*.

(15) — *Biografia de Uma Cadeira* (Importância da cadeira de Sociologia no Instituto de Educação de Pernambuco). Trabalho inédito, de Waldemar Valente, prestes a ser publicado.

(16) — Beals, Ralph L. & Hoijer, Harry — *An Introduction to Anthropology*. New York, MacMillan, 1953.

(17) — Publicado em 1927. Apud Kluckhohm, *in op. cit.*

(18) — *Op. cit.*

A partir deste momento, a Antropologia passou a ser disciplina obrigatória para os candidatos aos serviços coloniais da Inglaterra.

A América do Norte e o México seguiram o exemplo, no tocante ao tratamento que se devia dar ao índio.

Pode-se dizer que a primeira preocupação do antropólogo, na aplicação prática da ciência, foi a de reduzir tensões, evitando conflitos e guerras.

Exemplos interessantes, todos eles exigindo do antropólogo conhecimento das culturas indígenas, com as quais teria de lidar, demonstram que, com habilidade, e sobretudo procurando manter entre elas uma presença participante, de modo a conquistar a confiança dos seus portadores, certas práticas nocivas poderiam ser evitadas. Uma delas: na América do Norte, certa tribo destruía sistematicamente toda casa na qual alguém houvesse morrido. A doença responsável pela morte era causada, segundo os indígenas, por espíritos maléficos que permaneciam no ambiente, prontos para ceifar novas vidas. Um antropólogo conseguiu convencer que a própria religião seria capaz de oferecer meio de anular as ameaças do mundo sobrenatural. Este seria a fumigação. Desta forma, as casas deixaram de ser destruídas. Entre os Papuas havia um rito de fertilidade que exigia o sacrifício de um homem. Os antropólogos, sem degradarem aquele importante aspecto cultural, fizeram substituir o corpo humano por um porco.

Edwin Smith mostrou a incapacidade de um governador inglês para compreender a significação de valiosa insígnia do povo *axante*, chamando a atenção para os administradores coloniais no sentido de que deviam estar convenientemente preparados para respeitar tradições de povos submetidos. O papel do administrador não devia ser *ocidentalizar* ou *européizar*, à força bruta, os nativos submetidos, esmagando suas

culturas à maneira de um rolo compressor. Mas aculturá-los, mesmo que certos traços e valores originais tivessem de ser conservados.

Neste particular, atuaram os missionários inteligentemente, de modo positivo, fazendo concessões: aos *axantes* permitindo o pagamento da riqueza da noiva, que era uma das mais importantes tradições nativas. Esta foi a primeira etapa da conversão.

Por outro lado, foi de grande utilidade, sob advertência do antropólogo, o papel representado pelos educadores, valorizando não só a arte plástica tradicional, também a música e a dança dos africanos.

Ainda a ação do antropólogo, influenciando no modo de proceder do administrador, fez-se sentir no campo da política, admitindo os chamados "governantes naturais", reconhecidamente encarregados da autoridade administrativa, delas se esperando que sua influência atuasse em favor do bem-estar humano, facilitando a aceitação das medidas de saúde pública, de conservação do solo e de combate às pragas das plantas (19).

The Golden Stool (O Trono Dourado) — insista-se — foi o primeiro grito de alerta, chamando a atenção dos países colonizadores para o respeito que deviam ter às culturas naturais, tanto nos seus traços, como nos seus complexos.

Como ciência aplicada, nos seus começos, a Antropologia se voltava quase inteiramente para as populações nativas. Na América, de modo geral, e no Brasil, em particular, para o índio.

O pessoal que liderava a obra de colonização — principalmente, funcionários de governo e missionários — nas áreas afro-asio-americanas, de alguma maneira, passou a inte-

(19) — Mair, Lucy — *Introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

ressar-se pelos costumes, usos e hábitos dos povos nativos. O que significa: passou a compreender que era necessário conhecer a cultura do povo com que tinha de lidar, dando prioridade à própria língua, a fim de que a interação comunicativa se tornasse mais eficiente, e mais compreensível o homem, nos diversos aspectos de vida e atividade.

Por esta época, Malinowski, com sua experiência conquistada na vivência e convivência com povos nativos, com suas idéias e doutrinas chegando a criar uma escola antropológica, prestou, não só através dos seus discípulos, como pessoalmente, extraordinário auxílio no campo da problemática colonizadora, com a sua Antropologia "prática", que hoje, Lucy Mair e mais recentemente Roger Bastide, preferem chamar de "aplicada" (20).

Tal preocupação prática da Antropologia, antes voltada só para a solução de problemas ligados às populações chamadas selvagens — entre nós, na América e no Brasil, o ameríndio — foi, com o tempo tomando novas dimensões, assumindo novas responsabilidades. Ampliando seus interesses, "para incluir não só as sociedades iletradas, que foram sua preocupação original, mas também as civilizações superiores do presente e do passado", conforme adverte Robert Redfield (21). Aos poucos, foram sentindo os governantes e os próprios dirigentes empresariais a necessidade de aceitar a orientação, em cada um dos setores administrativos, ou em cada uma de suas empresas — inclusive, nas indústrias — dos cientistas sociais. De modo particular, dos antropólogos. Para isto, contribuíram as advertências de Ralph L. Beals e Harry Hoijer, em *An Introduction to Anthropology*, New York, 1953. Coisa idêntica acontecia, a grosso modo, continu-

(20) — Idem. Também, de Roger Bastide: *Anthropologie Appliquée*, Payot, Paris, 1971. Ver também as obras de Malinowski, principalmente *Argonauts of the Western Pacific*. Londres, 1922; *The Sexual Life of Savages in North-Western Melanesia*. Londres, 1929; *A Scientific Theory of Culture and Other Essays*. N.C. 1944.

(21) — *The Primitive World and Its Transformations*. N. Y. 1953.

ando ainda hoje, em campos responsáveis pelo ensino e pela educação. Ao invés de relacionamento o que havia — e, principalmente, no Brasil, continua a haver — era distância. Omissão, intencional ou por ignorância, do papel que a Antropologia, da mesma forma que a Psicologia ou a Sociologia, aquela de certo modo com maior importância, caberia exercer em benefício do ensino e sobretudo da Educação (22). Bem examinado o fato, isto é, a falta de aproveitamento da Antropologia nos sistemas escolares e educacionais, chega-se a um contrasenso: se há dois campos de estudo que deviam estar sempre aproximados, sempre saudavelmente combinados, num íntimo e amistoso relacionamento, estes seriam o da Antropologia e o da Educação. Exatamente porque em ambos os campos científicos o enfoque essencial é a cultura, na sua transmissão de uma geração a outra, como nos processos por meio dos quais tal transmissão pode ser feita. Neste particular, é bastante sugestivo o trabalho de Fred Eggan, da Universidade de Chicago.

A Educação na América do Norte, onde não se dispensa a assessoria das Ciências Sociais, e de modo especial, a da Antropologia, conta com “os trabalhos de orientação antropológica”, escreve Fred Eggan, que “dão maior relevo às organizações e informações, dedicando mais atenção a pormenores de ordem cultural”. Certa ênfase metodológica sobre a observação pessoal, a profusão de entrevistas e a prática de “*simplesmente ouvir*”, (23) são também dignas de nota.

Gilberto Freyre, com o seu saber e a sua experiência obtida em contato direto com povos de raças e culturas diversas, espalhados pela América, Europa, Ásia e África, entende a função da Antropologia a outros campos de atividade humana, aconselhando e achando mesmo que se torna urgente, o aperfeiçoamento, no Brasil, de uma Sociologia, de

(22) — Ver: Eggan, Fred — “A Antropologia Social e o Sistema Educacional”. In: *R. Educação Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 10, abr. 1959, Chicago. Também: Splinder, G. D., *Education and Anthropology*. Stanford, Califórnia, 1955.

(23) — Eggan, Fred., op. cit.

uma Antropologia, de uma Ciência Social, apresentando-se não apenas sociométricas, mas compreensivas. “E capazes, através de antropólogos ou sociólogos ou cientistas sociais de tipo misto — empático e sociométrico a um tempo — de orientar homens públicos na escolha de novos líderes para novas funções de comando, quer na vida nacional em dramática transição, quer nas relações do Brasil, como Estado nacional, com outros Estados Nacionais também em transformação.” (24) Noutras palavras, a meu ver, colaborar na formação de políticos — Política, aqui, tomada no seu autêntico sentido — de embaixadores e diplomatas, sob as mais diversas formas.

O exemplo do atoll de Bikini, cujos habitantes precisavam evacuar a ilha para experiências atômicas é digno de registro. A população só realizou a referida evacuação para outra ilha graças aos antropologistas, que, conhecendo suas culturas, dispuseram de condições para convencê-la a tal procedimento.

O antropólogo-sociólogo Gilberto Freyre, em trabalho ainda inédito, no capítulo “O Futuro Brasileiro”, escreveu: “Do ponto-de-vista antropossociológico, as três engenharias (integrando uma complexa ciência do comportamento humano que, segundo o autor pode ser expressa em termos latos de engenharia) — “a física” (em tecnologia), “a social” esta, no sentido de facilitar, conforme o pensamento de Gilberto Freyre, o ajustamento “ao que no homem é, não uma máquina já feita (máquina como que biológica) que servisse às funções das máquinas físicas inventadas com objetivos principalmente econômicos ou práticos, mas a um ser humano com uma biologia, uma fisiologia, uma psicologia às quais ao contrário, máquinas e técnicas é que deviam ser adaptadas ou ajustadas” (25).

(24) — Manuscritos cedidos pelo autor.

(25) — Conferência pronunciada por Gilberto Freyre, servindo de aula inaugural ao *I Curso de Técnicas em Pesquisa Social*, realizado no IJNPS, em convênio com a SUDENE.

Do ponto-de-vista que interessa particularmente à presente exposição — o industrial — cada grupo de operários que trabalham nas fábricas, nem sempre constitui autêntica sociedade. Nem mesmo uma comunidade.

Nem sempre se mostra homogêneo e coerente nos seus hábitos sociais, nos seus costumes higiênicos, nas suas crenças, nas suas habilidades, nas suas aptidões, nas suas disposições constitucionais, na sua força de trabalho, nas suas ideologias políticas, no conceito, a seu modo filosófico, que fazem da própria vida. Indivíduos, mesmo em pequeno número, formando, às vezes, conglomerados, diferentes nas aspirações, diferentes nos ideais.

O pior, do ponto de vista econômico, é que, muitas vezes, em prejuízo para o próprio empresário, se apresentam os trabalhadores abaixo do limite de produtividade mínima. Qual, em muitos casos, a causa ou fator responsável por tal fenômeno?

Ao estudo do comportamento humano — ou da interferência das chamadas engenharias, a que se refere o autor de *Casa-Grande & Senzala* — o que equivale dizer à Antropologia Cultural, cabe — e também à Física, pois esta só teoricamente pode separar-se da Cultural, especialmente no que respeita ao aspecto biotipológico — numa visão geral, integralizante, da problemática dos desajustamentos e inadequações entre o operário e o trabalho que executa, descobrir as causas de tais inadequações e desajustamentos, apresentando sugestões, quando não soluções.

No que concerne às indústrias implantadas em áreas rurais — como acontece com a indústria açucareira, que, além do mais inclui em sua problemática, a parte agrícola — ocorre aos operários do açúcar fenômeno idêntico ao que era comum — e, em alguns casos ainda é — nas populações nativas sob o domínio dos colonizadores. Os homens do campo trabalhando nas usinas, comportam-se, sob certos aspectos, co-

mo os chamados povos selvagens. Com um *handicap*, a meu ver: às vezes, migrantes de áreas de condições ecológicas diferentes, tanto físicas quanto culturais, o que não acontece, isoladamente, com tribos, que apresentam um generalizado facies cultural.

A presença da máquina trouxe para o homem vários tipos de problemas. Um deles: o da adaptação ao seu manejo. Outro: o da mão-de-obra disponível. Ambos, devendo ser colocados em termos de Antropologia. O da adaptação, obedecendo a condicionamentos biológicos, sempre ligados às várias ecologias, de modo especial, às influências climáticas, não se devendo esquecer o papel importante desempenhado pelos biótipos, incluindo características, atributos e potencialidades não apenas somáticos (anatômicos e fisiológicos), como os de ordem psicológica. Neste último caso, por exemplo, não se podendo deixar de levar em conta duas grandes tendências: a esquisotímica e a ciclotímica, não excluindo as intermediárias. Tendências que Kretschmer utilizou na sua doutrina das correlações psicossomáticas. Tendências que se equiparam, na classificação tipológica de Ruth Benedict, (26) e que Gilberto Freyre (27) tão bem caracterizou e adaptou ao brasileiro, nas suas contrastantes faces de introversão e extroversão. A *apolínea* e a *dionisiaca*, como expressões da individualidade psicológica.

O da mão-de-obra disponível, decorrente da produção capaz de ser realizada pela máquina, apenas dirigida por um ou dois operários que, num trabalho manual, necessariamente exigiria muitos homens, constituindo o outro problema à mercê também, de certa forma, da ação dos antropologistas.

“A mudança tecnológica é, juntamente com outras formas de mudança econômica, um determinante importante dos

(26) — Benedict, Ruth — *Patterns of Culture*. New York, 1934.

(27) — Freyre, Gilberto — *Problemas Brasileiros de Sociologia*. 3. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962.

exatos lugares, indústrias e pessoas afetadas pelo desemprego”, ponderam Howard R. Bowen e Garth L. Mangum (28).

Contudo, advertem os referidos autores, “o nível geral da procura de mercadorias e serviços é, de longe, o mais importante fator determinante de quantos são afetados, quanto tempo permanecem desempregados e quão difícil, se torna para os ingressantes no mercado de trabalho encontrar empregos” (29).

Na verdade a tecnologia elimina ou diminui empregos, mas não o trabalho.

Ainda aqui está a exigir-se ao lado do economista puro, o antropologista, aconselhando que na política econômica não se deve isolar os aumentos no potencial produtivo dos aumentos do poder aquisitivo e da procura. Entre tais aumentos tem que haver um ajustamento. Se isto não acontecer todo o potencial criado pelo progresso técnico se perde, dando em consequência tanto ociosidade, como desemprego e privações (30).

Num e noutro caso, quer no que se relaciona com a Antropologia Física, quer no que diz respeito à Cultural, torna-se indispensável a orientação — por meio de sugestões e de soluções, resultantes de acurada análise de dados colhidos em inquéritos, usando métodos cabíveis nas ciências sociais, sem excluir, nos momentos adequados, não só os biológicos como os de outras ciências — dos especialistas. Métodos entre os quais não se devem esquecer os históricos e os psicossociais. De qualquer forma, não se deixando de levar em conta a exata valorização das condições ecológicas. O método estatístico, evidentemente, sempre utilizado quando os fatos ou fe-

(28) — Bowen, Howard R. & Mangum, Garth L. *org. Automação e Processo Econômico*. Trad. de AlBERTINO Pinheiro Junior, Rio de Janeiro. Zahar, 1969, do original inglês: *Automation and Economic Progress*. Englewood Cliffs, N. Y. Prentice — Hall, 1966.

(29) — Idem.

(30) — Idem.

nômenos visados são mensuráveis. Em todos os casos levando em conta influências do ambiente de trabalho. Ao trabalhador, para seu bem-estar e produtividade, a ambientação devendo cercar-se de algumas condições indispensáveis. Condições que, provavelmente, caberão a um antropologista futurólogo prever. Entre elas: adequada humanização do ambiente, nela se incluindo o aspecto higiênico, a proteção contra os riscos das máquinas e da poluição de certos tipos de indústrias. Outra: a tendência temperamental, ou mais exatamente, constitucional, do operário, o gosto pelo trabalho, a sua maior ou menor capacidade de comunicar-se, levando em conta seu pendor para a extroversão ou para a introversão, sabendo-se que há trabalhos que se ajustam melhor a introvertidos que a extrovertidos, e vice-versa.

Bowen e Mangum (31) lembram que um homem, numa "sociedade pós-industrial" terá de vencer, pela experiência, dois ou três ciclos do trabalho, ou carreiras, para não ficar por fora da nova tecnologia e técnicas intelectuais. Acreditam os citados antropólogos que, sendo possível, oportunidades periódicas deviam ser oferecidas no decorrer de suas atividades profissionais, particularmente industriais, com o fim de desenvolver suas perícias, trocar de carreiras, realizando experimentos com novos padrões de trabalho. Daí, dois objetivos específicos: 1) a permissão para licença, a fim de aperfeiçoar suas aptidões, ou ser auxiliado com créditos fiscais para uma educação necessária ao desenvolvimento de novas perícias. A isto se chamaria *vida de trabalho flexível*; 2) durante os desligamentos temporários das fábricas, por cortes no pessoal em face de necessidades de diminuir a produção, ou pela introdução de novas máquinas, tais momentos deveriam ser utilizados como períodos de treinamento e estudo, feitos às custas de concessões governamentais ou créditos fiscais. (32)

(31) — Idem.

(32) — Idem. Consultar também: Samuelson, Paul A. — *Introdução à Análise Econômica*. Trad. do original inglês por Luís Carlos Nascimento Silva. Rio de Janeiro, Agir, 1969.

“Governo, indústria e mão-de-obra devem começar a estudar medidas que possam atingir esse objetivo” (33). Todas estas sugestões devem ser bem acolhidas pelo antropólogo, em parte, por ele transformadas em soluções, adaptadas, não só à realidade do ambiente de trabalho como às realidades ecológicas, das quais o operário não pode libertar-se. O homem não pode escapar de sua ecologia. Aqui, não se devendo esquecer que o homem é sempre — este é ainda um conceito defendido por Gilberto Freyre -- ecologicamente um “situado” (34). Quer dizer: nunca se liberta totalmente de seu *habitat* original, ou seja de sua própria ecologia, quer pelas influências climáticas, incluindo seus elementos e seus fatores, quer pelas biológicas, quer pelas edáfico-telúricas, quer ainda pelas sócio-culturais. Tal conceito anula de certa maneira o do cosmopolitismo humano. Isto é, a possibilidade do mesmo homem viver nas mesmas condições de saúde e de atividades nos lugares geograficamente mais diferentes. A presença do homem, de tipos físicos e culturais diversos, em toda a parte do mundo é antes uma prova em favor do chamado homem “situado”, do que do decantado cosmopolita.

Tentando ajustar o homem adequadamente a determinados trabalhos mecânicos, conhecidas as possibilidades da área na qual a indústria funciona, indicando trabalhos compatíveis com a qualidade do operário que ficou sem emprego, ainda aí cabe à Antropologia importante função. Conselhos e sugestões de antropólogos, nos mais variados campos da atividade industrial, incluindo, aliás, o próprio artesanato — que, em alguns casos, pode ser potencialmente uma transição para a indústria e portanto um elemento a ser aproveitado no processo de desenvolvimento — fornecidos a empresários, a operários e às próprias comunidades que vão funcionar numa ou noutras de suas camadas sociais, como mercados de consu-

(33) — Bowen e Mangum, *op. cit.*

(34) — Em conferência pronunciada no IJNPS, cujos manuscritos me foram cedidos, por cortesia do autor. Conferência que constituirá capítulo de próximo livro.

mo. Elementos que, em lugar de serem desprezíveis devem ser desejados. Não é fora de propósito lembrar que "os produtos artesanais, representados por peças, quer de função utilitária, quer de função decorativa ou lúdica, estão sendo cada vez mais valorizados em face das novas motivações que os artesanatos, sob inspiração de moderno conceito de arte popular, têm sabido impor, com interesses antes não percebidos. Nos mercados regionais nordestinos, como nos sulistas, e brasileiros em geral, as peças de artesanato vêm encontrando promissora aceitação. Aceitação que se estende também aos próprios mercados estrangeiros, especialmente os da Europa e da América do Norte. Vez por outra, exposições de arte popular e de artesanatos brasileiros, e particularmente nordestinos, realizadas em centros culturais europeus e norte-americanos, causam excelente impressão, com aquisição a preços altos.

Coisa que também não deve ser esquecida: seleção de artigos, levando em conta padronização, acabamento, qualidade do material, renovação de modelos. Em 1964, ocorreu com a ARTENE, subsidiária da SUDENE, um fato que, se de um lado serve para agravar a problemática do artesanato no Brasil, com suas dificuldades e obstáculos, por outro lado, confirma suas possibilidades, tudo dependendo de assistência bem conduzida, com solução adequada para cada tipo de problema. Refiro-me à oportunidade que se apresentou à ARTENE de atender pedido de firma escandinava, que desejava importar 30.000 bolsas de palha do Rio Grande do Norte. Também de exportar mensalmente 15.000 exemplares de cada um dos 10 produtos disponíveis e ainda de 500.000 chapéus de palha (35). Mais recentemente, em conversa com o Dr. Jadiel Dutra da Cruz, então Assistente de Administração da Divisão de Artesanato do Departamento de Recursos Humanos, da SUDENE, durante algum tempo exercendo o cargo de Diretor Comercial da ARTENE, fui informado de que novo pe-

(35) — Idem.

dido externo foi feito à Sociedade de Economia Mista. Desta vez, a exportação incidia em 200.000 miniaturas de chapéus de couro” (36).

A indústria aeronáutica já possui condições de fabricar aviões supersônicos. Tal atividade industrial está sob a responsabilidade do engenheiro físico. Mas, comenta o sociólogo-futurólogo que é Gilberto Freyre (37): o engenheiro social não deve concordar com tal progresso, uma vez que o mais importante seria reduzir o custo das viagens aéreas, ainda excessivamente alto para o homem médio. Em vez de vôos supersônicos, com excessivas tarifas, decorrentes de uma série de implicações, o mais prático seria permanecer com os aviões a jato. O sociólogo brasileiro sugere que as ponderações do engenheiro social devem ser tomadas na maior atenção. Este, é, a meu ver, um problema que se enquadra perfeitamente dentro das modernas preocupações industriais da antropologia. Inclusive porque produz excessivo ruído, aumentando demasiadamente a poluição sonora, além da residual decorrente dos gases emanados por tais aviões. O problema vem preocupando sociólogos e antropólogos, que não poderão omitir os aspectos social e humano do referido progresso. Entre eles, com implicações também econômicas, enfatiza o Dr. V. Treibel, citado por G. Freyre (38).

Transcrevo na íntegra as palavras de Gilberto Freyre, em comentário ao fato já assinalado, e que se podem aplicar a outros idênticos: “O fato de poderem ser aperfeiçoadas imediatamente tais ou quais máquinas não parece, a alguns de nós, justificar sempre esse imediato e dispendioso aperfeiçoamento à revelia de adaptações de caráter social e humano a um super-progresso tecnológico demasiadamente rápido” (39).

(36) — Idem.

(37) — Em conferência, pronunciada no IJNPS, cujos originais, por gentileza do autor, me foram cedidos. Conferência que será capítulo de livro ainda a sair.

(38) — Idem.

(39) — Idem.

A defesa do operário que manipula máquinas de funcionamento perigoso também está dentro do campo de ação do antropólogo. A criação ou imitação — que são processos de formação ou de ampliação de cultura — de meios de proteção, capazes de garantir a chamada higiene do trabalho industrial, estão neste caso.

Aqui, a tecnologia pura — que não deixa de ser um aspecto da cultura — tem de recorrer à Antropologia Cultural, no seu adequado sentido de aplicação prática. A Higiene do trabalho industrial depende em grande parte da orientação do antropologista, tanto evitando acidentes como doenças chamadas profissionais (40), como é o caso do saturnismo e o das pneumoconioses (41), estas conduzindo fatalmente à tuberculose, ou a outras doenças graves e fatais. O saturnismo, até pouco tempo, acometendo mais frequentemente, os linotipistas, hoje, segundo estatística do SESI, Brasil, 80% dos atendimentos no seu Serviço de Medicina Industrial, correm por conta de intoxicados por chumbo (saturnismo), proveni-

(40) — No dia 27 de agosto de 1972, o *Jornal do Commercio*, do Recife, transcreve notícia de São Paulo, dizendo que as doenças profissionais, de acordo com portaria do Ministério do Trabalho, de 1964, são em número de 18. Pondo de lado alguma crítica que se possa fazer à referida portaria, vale a pena ressaltar que, tais doenças, cujo reinício, em verdade, é difícil de precisar — a não ser por minucioso inquérito, cientificamente orientado — são encaradas quase exclusivamente sob ponto de vista terapêutico, quando o importante seria controlá-las preventivamente. Mesmo assim, levando em conta só o tratamento, conforme a citada notícia, só existem no Brasil quatro ambulatórios de doenças profissionais, "um dos quais, inaugurado há poucos dias, funcionando só três manhãs por semana".

Na legislação brasileira — é interessante assinalar — *doenças profissionais e doenças do trabalho* são coisas diferentes. "As primeiras só podem ocorrer aos trabalhadores que se dedicam a determinadas áreas profissionais. As do trabalho também podem ocorrer por fatores exteriores ao trabalho." Um exemplo do segundo caso: a hérnia e o reumatismo, que podem ter causas alheias ao trabalho.

Deve constituir tarefa bastante difícil saber, em tais doenças, a parte que cabe ao trabalho e a que se liga a causas que lhe são estranhas. Ou — o que pode acontecer muitas vezes — se ambos os tipos de causas concorreram para as doenças, e em que grau ou intensidade. Outra coisa: dentro do rótulo de reumatismo se inclui um mundo de doenças: musculares, ósseas, articulares, tendinosas, etc., cujas etiologias são ainda um tanto obscuras.

(41) — Vale a pena ver: Cole, Lewis Gregory e Cole, William Gregory — *Pneumoconiosis*. John B. Pierce Foundation. New York, 1940.

entes de indústrias de acumuladores elétricos, automóveis (setor de funilaria) e fundições de metais não ferrosos. As pneumoconioses, entre os mineiros, os que trabalham com mármore, sílica, nas indústrias de vidro (42), e operários — na maioria, mulheres — que lidam nas fábricas de cigarros.

Tão grande ocorrência de casos de pneumoconioses atendidos no Serviço de Medicina Industrial do SESI vale como prova de que pouco se tem feito no que se relaciona com a prevenção das doenças profissionais. Talvez, em decorrência de dificuldades ligadas ao relacionamento entre as indústrias — incluindo as máquinas e as matérias-primas utilizadas — e o homem. Relacionamento quase sempre a exigir a participação de um experimentado antropologista.

Referidas dificuldades aumentando com o grau de desenvolvimento.

Não é demais insistir sobre a importância da antropologia nas suas preocupações de ajustamento do operário à máquina que vai manejar. Vencendo suas resistências psicológicas, seus temores, ou convencendo-o a proteger-se, com os equipamentos que a moderna tecnologia oferece, contra os riscos da máquina com que trabalha. Afastando-o, o mais possível dos perigos de vida, das ocorrências de morte e invalidez. Para isto, tendo de agir com certa habilidade, não sendo possível o bom êxito se o antropólogo não for um conhecedor de sua cultura, de sua personalidade, do seu *ethos*. Aqui, não se devendo esquecer a ambição visando mais elevado *status* profissional e o sentido, sempre presente, de uma possível liderança, dos quais nunca se libertam os trabalhadores, mesmo os de qualificação mais humilde. Cabe à Antropologia estar vigilante também para tais problemas.

De qualquer forma, é da alçada do antropologista estabelecer ou manter entre os operários que trabalham numa

(42) — Idem.

indústria e os empresários e supervisores uma situação de equilíbrio semelhante à que deve existir numa sociedade comum entre os seus membros e os governantes. Tal equilíbrio, não se exigindo que seja estável, o que seria incompatível não só com a vida mas com as próprias atividades humanas responsáveis pela formação e desenvolvimento das culturas.

Contudo, é possível conseguir que as mudanças que se operam, rompendo vez por outra o equilíbrio, se façam de maneira harmoniosa, de sorte a permitir a presença desse equilíbrio, mesmo condicionado à instabilidade. Beals e Hoijer, da Universidade de California, chamam a atenção para os desequilíbrios que, vez por outra, ocorrem, dependendo de desenvolvimentos internos ou de influências vindas de fora. As greves, os *lockouts* (dispensas temporárias de operários pelos empregadores com o fim de obrigá-los a aceitar condições por eles impostas, em muitos casos, chegando a paralisar completamente o trabalho), as constantes revoltas visando reivindicações, "operações tartaruga" (o operário não deixa o trabalho, não faz greve, mas produz pouco ou quase nada), e diversas outras demonstrações de mal-estar e descontentamento fazem desenvolver tensões e inseguranças que reclamam a assistência dos cientistas e pesquisadores sociais, principalmente dos antropologistas (43).

Inquéritos e investigações feitos sem *partpris*, isentos de partidarismos, dentro da máxima independência de ação, poderão descobrir as causas, propondo sugestões, esclarecendo os problemas, e, tanto quanto possível, criando ou fazendo voltar o indispensável equilíbrio, embora sempre em bases instáveis. Está dentro das previsões a quebra do equilíbrio e a sua volta. Este fenômeno é rotina tanto biológica na pre-

(43) — *An Introduction to Anthropology*, por Ralph L. Beals e Harry Hoijer. New York, 1953. Consultar também: Keesing, F. M., Siegel, B. J. e Hammond, B. 1957 — *Anthropology and Industry some Exploratory work Papers*. Stanford, Calif. Ainda: *Some Uses of Anthropology: theoretical and Applied*. Washington, 1956.

servação e saúde de cada indivíduo, como na vida de um aglomerado humano, mesmo que seja a de um pequeno grupo de operários.

Coisa de indispensável interesse prático para as indústrias é sondar, por meio de pesquisas antropológicas — sem dispensar, o que não seria justo admitir, a assessoria de outras ciências sociais, como, por exemplo, da psicologia social e da sociologia, ajudados, tanto quanto possível pelo método estatístico, — as condições de receptividade da população para a qual seus produtos se destinam. Para os tipos humanos, físicos e culturais, que deles vão utilizar-se. Pesquisas que devem ser repetidas periodicamente, uma vez que as condições da população podem variar, e realmente variam de tempo em tempo, em função do crescimento numérico, tanto vegetativo como por acréscimos migratórios, como também dos costumes, das próprias condições físicas, de saúde e de trabalho. De mudanças culturais que se operam em alguns casos até um tanto subitamente, por força das modas, sob influências de fatores às vezes quase imprevisíveis, como tem ocorrido com as consequências das guerras, nem sempre, tais consequências, em condições desejáveis. Noutras palavras: não se pode subestimar a diversidade de condições antropológicas, no que diz respeito ao relacionamento das culturas e das raças, quaisquer que sejam os motivos ou causas dos contatos ou aproximações. Necessariamente, tem-se que meditar, em bases de equilíbrio social e de responsividade biopsicológica, sobre os resultados da aculturação e da miscigenação. Sondagens de tal natureza — não é demais insistir — devem ser complementadas com os recursos da Psicologia, da Sociologia e de outras ciências sociais. O interrelacionamento das ciências sociais não pode ser dispensado. Aliás, admitindo o conceito de que só há uma ciência, o interrelacionamento abrange, de modo geral, todas as ciências. É claro que, levando em conta as classificações de ciências — classificações sob critérios os mais variados — torna-se mais fácil interrelacionar com finali-

dade prática, ciências que, em seu conjunto, se mostram, nos seus fundamentos teóricos e no seu objeto de estudo, mais coerentemente aproximadas. Mas, não devem causar admiração as interferências úteis que as ciências chamadas naturais, como a biologia, a química e a física, possam oferecer às próprias ciências sociais.

Pesquisas importantes, de caráter eminentemente industrial, em convênio com órgãos e instituições categorizados, utilizando a participação de cada um dos Departamentos Técnicos, numa proveitosa interligação das diversas especialidades das Ciências Sociais, inclusive da Antropologia, são coisas que fazem parte da rotina de trabalho do IJNPS.

Em conferência pronunciada em 10 de janeiro de 1936, na Universidade do Distrito Federal, na qual Gilberto Freyre fundou e por algum tempo dirigiu a cátedra de Antropologia Social e Cultural — a primeira a funcionar no Brasil — refere-se à indústria e ao comércio, sobretudo realçando o lado industrial do calçado, do chapéu e da roupa feita. Indústria e comércio que vêm assumindo espantoso desenvolvimento — principalmente nestes últimos dez anos, o das confecções, tanto para homens, como para mulheres, e crianças — a eles, o comércio e a indústria, especialmente esta, interessando o conhecimento, “tanto quanto possível exato”, enfatiza Gilberto Freyre, das “diferenças regionais, antropológicas e psicológicas da população brasileira”. Diferenças de forma de cabeça, inclusive tamanho, de forma e tamanho do pé. Diferenças também de estatura total em cada grupo antropológico regional. Talvez, não sendo exagero levar ainda em consideração diversificações sub-regionais e até micro-regionais.

Diferenças sociais, de trabalho, de hábitos de vida, de dieta, de condições econômicas e educacionais.

É claro que as influências ambientais, ecológicas, tanto físicas quanto culturais, não devem ser consideradas de modo exclusivo, com desprezo pela linha genética, não só racial, como familiar.

Particularidade importante não esquece, na citada conferência, Gilberto Freyre: "possíveis diversidades de proporção de membros com relação ao tronco que se apresentam nas populações mais fortemente mescladas de sangue negro..." Considero a referência do sociólogo brasileiro da maior significação do ponto de vista industrial. Vale como uma advertência antropológica, um tanto morfológica, para os chefes de indústrias de confecções. A propósito seria interessante consultar o *Tratado de Biotipologia e Patologia Constitucional*, de Waldemar Berardinelli. Embora, em sua quarta edição, publicada em 1942, é ainda válido e sugestivo nos comentários que faz a respeito da orientação profissional.

Na indústria das chamadas roupas feitas, destinadas a determinadas regiões ou sub-regiões ou até mesmo micro-regiões, a estatura média das populações, estatisticamente avaliada com seus limites máximo e mínimo, num âmbito de tolerância calculado pelo desvio padrão, é um elemento que não deve faltar para o bom êxito comercial. A maior aceitação, é natural, dependendo da quantidade de roupas cujas dimensões em comprimento correspondem à média estatural ou dela se aproximando para mais ou para menos. Não somente isto: aproveitando também os chamados tipos gordos e tipos magros.

Aproveito a deixa jogada pelo mestre da Sociologia Brasileira — quanto à relativa proporcionalidade entre tronco e membros — para dizer que tal proporcionalidade não deveria ser desconhecida — o que será conseguido por meio de pesquisa especializada — dos alfaiates e costureiros, modistas e figurinistas encarregados do planejamento dos tipos de confecções, mudando com os momentos do dia ou com as variantes quase rituais das solenidades. Confecções interessando tanto a homens, como a mulheres e crianças.

Tal relação membro-tronco, chamada de *Índice de Manouvrier* ou de *Índice Esquélico*, quando desprezada, tem

levado indústrias de confecções, em certas regiões, senão à falência, a sérios prejuízos comerciais, em face da queda da procura.

O desencontro entre a média — esta considerada dentro de adequada amplitude, uma vez que tomada rigidamente poderá transformar-se numa irrealdade — e as dimensões das peças têm, não raro, sido causa de sérios prejuízos econômicos.

Daí, os grandes saldos, boiando nas prateleiras ou nos depósitos dos estoques de confecções, com peças oferecidas por preços muito abaixo do próprio custo de produção. Roupas que não encontram corpos que a elas se ajustem.

A desproporção entre tronco e membros, com exagero de um dos segmentos sobre o outro, faz com que, numa série de homens da mesma estatura total, uns apresentem grandes troncos e pernas curtas, ou, ao contrário, pernas compridas e troncos curtos. A igualdade estatural apenas no sentido total, enquanto a proporcionalidade segmentar mostrando-se ostensivamente desigual. Isto é da máxima importância na confecção de roupas, tanto para homens como para mulheres. No homem, as calças poderão ficar curtíssimas e os casacos enormes e vice-versa; e na mulher, a saia muito curta e a blusa muito grande, ou ao contrário. Coisa idêntica acontecendo com as mangas.

Para ilustrar, de modo mais objetivo, tais discrepâncias segmentares, que, em Antropologia Física, se medem pelo chamado *Índice de Manouvrier* — relação tronco-membros — apresento dois gráficos, que serviram em 1949, para documentar tese de concurso de modesto estudioso, interessado em demonstrar a importância do referido índice, de significação eminentemente antropológica, em sua aplicação prática à educação física. A propósito da influência que pode exercer o tipo constitucional sobre trabalhos e atividades do homem,

em vários setores, além da importância de que se reveste na confecção de roupas, é oportuno lembrar as sugestões de Sheldon, biotipologista da Universidade de Harvard, sobre indumentária, casa e mobiliário (44).

Ele próprio reconhece que suas afirmações "têm uma intenção mais sugestiva do que conclusiva", admitindo que as exceções podem ser numerosas (45). Contudo, lembra a hipótese de que os homens não devem vestir-se igualmente do mesmo modo que não devem pensar de modo semelhante e racional. Assim, exemplifica: o ectomorfo extremo (longilineo) parece necessitar de colarinho duro e alto, de modo a suportar e proteger seu longo pescoço. Acrescenta Berardinelli: "para protegê-lo e suportá-lo, física e esteticamente. (46). A rigor, segundo Sheldon, o endomorfo e o ectomorfo não necessitariam de colarinho. O indivíduo provido de um torso muito desenvolvido sentiria necessidade de expor seu corpo, o que seria compreensível, segundo o biotipologista norte-americano. A isto, chamaria o ectomorfo moralista, de exibicionismo. Explica Sheldon: "Isto é tão notável quanto o frequente desejo que experimenta outro indivíduo de escrever ou fazer um poema.

Os magníficos corpos mesomórficos são obras de arte que possivelmente merecem ser exibidos. "Pena é", conclui Sheldon, "que os outros somatotipos tenham também tendência para a nudez e exibição do corpo. Estudar somatotipos na praia não nos conduz a uma visão otimista da população" (47).

Não é fora de propósito lembrar outras aplicações da Antropologia Física, como é o caso por exemplo da importância que exerce na compreensão das propriedades fisiológicas individuais, quando submetidas aos critérios antropométricos.

(44) — Op. cit. pág. 284 e segs.

(45) — Idem, pág. 284.

(46) — Op. cit. pág. 567.

(47) — Op. cit. pág. 285.

Um bom exemplo é o que acontece com o poder sensorial e as reações, tanto num sexo como noutra, em momentos diversos da vida e em diferentes grupos étnicos. Coisa semelhante acontecendo com as determinações químicas e medidas em estudo de metabolismo, pigmentação e serologia. Importante também é o seu papel em Penologia e Criminologia, mostrando que não há rigorosamente crimes, mas criminosos, sendo cada indivíduo apreciado como um caso particular sujeito não a uma pena generalizada, mas ao critério da individualização. Coisa idêntica ao que, desde muito, vem ocorrendo em Medicina, a levar em conta o aforismo que diz: "não há doenças, há doentes."

Nos serviços das Forças Armadas — Exército, Marinha e Aeronáutica, e agora de modo particular no campo da Astronáutica — o conhecimento tanto anatomo-fisiológico como psicológico, de atributos e particularidades, não pode ser dispensado, a fim de que cada indivíduo se ajuste bem à função que tem de desempenhar (48). Noutras palavras: é indispensável a aplicação dos critérios e métodos da Antropologia Física e especialmente da Biotipologia.

Sobre o papel que a Antropologia Cultural vem representando em regiões brasileiras menos atingidas pelas influências européias, não é fora de propósito ainda uma vez citar Gilberto Freyre quando em conferência já referida, chama a atenção, de modo particular, para o extremo Norte, onde as preferências pelo vermelho devem oferecer certo interesse industrial. "Preferências", diz ele, "que parecem contrastar com as dos grupos de neobrasileiros do Sul, mais amigos, talvez, da cor azul".

(48) — Valente, Waldemar — *O Índice de Manouvrier e sua Significação em Educação Física Escolar*. Tese de concurso. Recife, Ed. Nery da Fonseca, 1948. Ainda de Waldemar Valente — *Fundamentos Biotipológicos da Educação*, Recife, 1941. Ver: *Biological basis of human behavior, in Anthropology Today*, por Carlos Monge, 1953. Consultar também, Laugier, em op. cit. Ainda: Juan Comas — *Manual de Antropologia Física*. México, Fundo de Cultura Económica, 1957.

Em recentíssima conferência, pronunciada em 29 de março de 1972, no IJNPS, relacionando os fins da revolução de 31 de março com os objetivos do referido Instituto, Gilberto Freyre, fugindo, como lhe é peculiar, das coisas já batidas, dos gastos refrões, dos slogans, que já se tornaram ridículos, encaminhou o seu ensaio — porque, na realidade, foi um ensaio — para os problemas brasileiros, problemas do homem brasileiro, problemas sociais, educacionais, econômicos, políticos, culturais no seu mais lato sentido. E não somente valorizando o aspecto econômico, que muita gente admite como aferidor exclusivo do índice de desenvolvimento, como dando justo realce às demais faces da cultura, também capazes de servir como indicadores de desenvolvimento. Neste ensaio, como tem acontecido em outros, dando particular enfoque ao critério interdisciplinar. Ao interrelacionamento não apenas das técnicas, mas das ciências sociais que funcionam, com seus pesquisadores e cientistas no IJNPS. Como também destacou documentadamente a contribuição, sob forma de sugestões e de soluções, resultantes de sérias pesquisas de campo. Soluções e sugestões não só enfaticamente econômicas. Também sociais. Também antropológicas. E até políticas. O que é importante salientar: algumas delas, aceitas, quando não solicitadas por homens de Governo, inclusive Ministros de Estado. Vale a pena insistir: soluções ou sugestões fugindo dos modelos estrangeiros. Dos figurinos de fora. Dos cânones estranhos. Todas elas resultantes de estudos, investigações e pesquisas executadas em contacto com a própria realidade brasileira, nas suas várias ecologias, em cada uma de suas regiões, sub-regiões ou micro-regiões.

Não que tais cânones, tais modelos ou tais figurinos devam ser *a priori* repelidos ou recusados. Poderão ser saudavelmente aceitos, mediante adaptações ecológicas, em aspectos desejáveis, de modo a não deformar nem o que de físico nem o que de cultural apresenta o homem brasileiro, em ca-

da um de seus *habitats*. Experiências de outras culturas poderão ser, quando possível, habilmente harmonizadas com experiências brasileiras. O que importa é que dessas aculturações e desses sincretismos o homem seja sempre beneficiado, deles tirando o máximo de conforto e bem estar. Nas diversas aplicações antropológicas — com especial ênfase na indústria — os inquéritos, a pesquisa em várias de suas modalidades, devem repetir-se periodicamente, a fim de que os resultados estejam sempre atualizados. É preciso que não se cesse de estudar, de pesquisar e de pensar: este o conselho dado por Gilberto Freyre na já citada conferência, a propósito dos pesquisadores sociais do IJNPS. “Não lhes deve faltar nunca além de atualidade, futuralidade, às suas perspectivas e até às suas técnicas de pesquisa”. Continuando, insiste Gilberto Freyre: “Atualidade que seja adaptação a situações novas e possivelmente futuras, quer de espaço, quer de tempos sociais, dos seus incessantes esforços de investigação de realidade que, com o tempo e com a revolução tecnológica que estão sofrendo certos espaços, podem modificar-se em alguns de seus aspectos aparentemente fixos”. No que toca à indústria, não é fora de propósito chamar a atenção para a divisão do trabalho, sempre a exigir tipos biotipológicos particulares. Quer os morfo-fisiológicos, quer os psicológicos. Noutras palavras: hábito externo, temperamento e caráter.

Vale a pena lembrar que deste Instituto partiu a idéia, hoje aceita numa consagração oficial pela Sorbonne, de uma Antropologia do “homem situado”, inclusive no Trópico, assunto já anteriormente referido.

Voltando às aplicações da Antropologia às indústrias, problema ao qual se deve dispensar grande atenção é o do lazer. Sobretudo, em certas fábricas onde a automação é mais acentuada. Para isto, devem ser orientados os empresários e chefes de indústria, lembrando-se eles que dando ocupações lúdicas e recreativas aos operários nas ocasiões de lazer, estão

contribuindo para dar-lhes melhor ânimo, mais disposição e mais alegria de viver. Tais coisas sendo indispensáveis para que o homem se sinta bem no seu trabalho, dando maior produção. Daí a necessidade de cursos de caráter antropológico-social ministrados aos chefes de indústria, aos empresários e aos próprios capatazes.

Não se pense que pretendo — caindo noutra extremo — considerar a Antropologia Social ou Cultural a mais importante das ciências sociais. Embora seja ela a que dá ao cientista social uma visão geral, globalizante, integralizante, dos problemas sociais, sendo mesmo em Ciências Sociais considerada como uma espécie de ciência de cúpula, não dispensa a assessoria da Sociologia — com a qual em muitos aspectos quase se confunde — nem da Psicologia Social, nem da Economia, nem da Política, nem da Estatística, esta a todas servindo com seus dados e com seus modos de informar numericamente e graficamente. Os gráficos, sobretudo, porque, quando bem feitos, técnica e artisticamente bem elaborados, dão uma visão rápida e lúcida de um fenômeno, sobretudo com idéia do movimento, para cuja compreensão seria necessária a leitura de muitas páginas de livro. Mas, admita-se, não sendo o estatístico, em ciências sociais, o único método ou exclusivo critério a ser aplicado. É claro que existem fatos e fenômenos que não podem ser representados numericamente. Isto é, não podem ser mensurados. Então, outros métodos ou critérios de estudo terão que ser aproveitados, complementando o estatístico, em tais casos a ele até suplantando.

Creio que em Ciências Sociais ocorre fenômeno idêntico ao que é comum em Medicina. O especialista — o otorrino, o ginecologista, o gastroenterologista, o dermatologista, etc. — às vezes, desde o primeiro ano do curso médico, começando a frequentar clínicas especializadas, prejudicando não raro disciplinas básicas indispensáveis para a completa formação médica, deixando de lado conhecimentos biomédicos que permitem considerar o homem como um conjunto unitário, cor-

relacionístico e indissociável, para focalizar apenas uma parte do todo, como se fosse possível separá-la das outras. A fábula do estômago e dos membros (braços e pernas), aqui se aplicaria bem para mostrar a incompreensão de tais médicos, que consideram suas especialidades como departamentos estanques dentro da complexidade do organismo humano. O especialista em Medicina deve compenetrar-se de que antes de mais nada ele deve ser médico. Daí, o perigo de presenças de drogas, levando em conta apenas sua ação farmacológica sobre o sintoma ou mesmo a doença a que se destina. Para o caso específico ou particular do sintoma ou doença os efeitos sendo realmente salutares. Mas, nem sempre os efeitos colaterais, as precauções ou contra-indicações sendo devidamente valorizados. Isto, a rigor, demonstrando que cada doente deve surgir diante do médico como um caso novo, embora sua doença ou seus sintomas mais alarmantes sejam perfeitamente diagnosticados ou reconhecidos. Isto porque o organismo humano não é formado de partes, órgãos, sistemas ou aparelhos, estanques, independentes uns dos outros. Não se pode mexer em qualquer um deles sem que os efeitos possam atingir os outros.

O perigo está em que, atingindo outros órgãos, sistemas ou aparelhos, possa alterá-los em sua funcionalidade, de modo prejudicial. Não devendo esquecer o médico que o organismo humano é um todo complexo, correlacionístico, coerente, unitário e indissociável, que, só teoricamente, pode ser separado em cada uma de suas partes.

Com os cientistas sociais parece ocorrer, em certos casos, distorção semelhante no modo de considerar cada uma de suas especialidades. Um departamento isolado das outras ciências sociais. Como se cada um dos traços ou complexos — econômicos, políticos, sociais, artísticos, etc. — não integrasse o corpo coerente e unitário da cultura.

Tenho para mim que o cientista social, qualquer que seja sua especialidade, devia ser antes de tudo um conhece-

dos problemas de cultura. A cultura em seu sentido geral. Pelo menos, um profissional científico, capaz de ter uma visão conjunta dos problemas sócio-culturais, dentro de um conceito interrelacionístico, sem desprezo do lastro humanístico que todo cientista deve possuir. E não apenas, como acontece algumas vezes, não passando de um mero técnico.

A especialidade viria depois, em melhores condições, de acordo com as vocações, com as tendências, com as disposições temperamentais, com os julgamentos de valor, com o gosto e o interesse especial decorrentes da linha constitucionalística. Das aptidões e de potencialidades que podem ser despertadas.

Depois de várias considerações sobre a severidade de carrasco do relógio, da obediência matemática e intransferível ao tempo cronometricamente marcado, no que diz respeito aos deveres chamados de sociais e quanto ao trabalho realizado sob critério de obrigação, sempre sob as vistas rigorosamente policiais das ponteiros do relógio ou do controle das sirenes das fábricas, mostra-se Gilberto Freyre de pleno acordo com os estudos de Northrop e as pesquisas de Saunders, para os quais a opressão cronométrica conduziria o homem nas sociedades civilizadas a doenças cardio-vasculares e do tipo neurótico-crônico (49).

Para G. Freyre, encarando o problema sob ângulos sócio-culturais, sobretudo em suas formas patológicas, os distúrbios do tipo neurótico-crônico podendo ser causa de "desajustamentos característicos das modernas sociedades civilizadas", entre os quais coloca, o referido sociólogo-antropólogo, o divórcio.

(49) — In: Conferência pronunciada no IJNPS, sobre *Conceito de Tempo*. Também, em *On the Iberian Concept of Time*, já publicado. Vale a pena, consultar o trabalho de Guilherme Bonfil Batalha: *Es Aplicable la Antropologia "Aplicada"?*. In: *América Latina*, Rio de Janeiro, 6(1), janeiro-março 1963.

Tais fatos não ocorrendo nas sociedades chamadas não civilizadas, em face da ausência do tirânico compromisso cronométrico. Continuando em seus comentários, diz Gilberto, textualmente: "mas não daquelas (sociedades) cujo sentido de tempo é antes o telúrico que o cronométrico; antes o fisiologicamente experimentado — e, portanto, diferente de pessoa para pessoa — do que o mecanicamente, matematicamente, quantitativamente uniforme, a que todos devem sucessivamente obedecer, desde a manhã à noite, estejam ou não fisiológica ou emocionalmente inclinados a fazê-lo com relação a todas as ordens recebidas dos policialescos ponteiros dos relógios" (50).

Aqui, permita Gilberto Freyre que eu acrescente, agravando mais a situação por ele descrita: não se levando em consideração a situação biotipológica, e de modo particular as tendências psicológicas, sobretudo quando orientadas para extremos que não combinam com o tipo de trabalho: o extrovertido e o introvertido quando distantes de seus gostos e aptidões. Inteiramente desajustados.

Gilberto Freyre, em Seminário reunido em 1961, em Corning Glass, cujos trabalhos foram reunidos no livro *The Organization and the Marry* e em conferências pronunciadas em várias universidades, vem chamando a atenção de cardiologistas e neurologistas, alarmados com a alta frequência das doenças cardíacas e nervosas nas modernas sociedades civilizadas para a possível correlação entre "tal frequência e um sentido demasiadamente cronométrico do tempo: incluída nesse sentido excessiva preocupação com o tempo não só presente como com o imediatamente futuro." "A quase ausência daqueles distúrbios de saúde entre sociedades não civilizadas...", comenta Gilberto Freyre, numa conclusão — ou quase conclusão — como ele, talvez, prefira chamar (51).

(50) — Idem.

(51) — Idem.

Mais uma vez — as citações repetidas de Gilberto Freyre sendo indispensáveis, uma vez que, como sociólogo-antropólogo, talvez mais antropólogo do que sociólogo, no sentido em que deve ser tomada a Antropologia, como ciência de cúpula das “ciências chamadas do homem” ou, talvez melhor fosse chamar de “sociais” — o autor do trabalho *Conceito Ibérico de Tempo* (52), atenta para o grave problema da automação e crescente aumento de tempo-livre. Este tempo, livre da rigidez cronométrica das obrigações de trabalho, devendo ser aproveitado no sentido de um bom atendimento a condições fisiológicas e regulação do estado emocional.

“Sob a automação, poderão, talvez, vir a ser reorientadas culturas e sociedades, dentre as denominadas civilizadas, hoje dominadas, cada uma a seu modo, por um só critério do que devem ser as obrigações de trabalho dos seus membros e as possibilidades de recreação a eles abertas, reorientadas segundo critérios múltiplos, tanto como de recreação social e divertimentos válidos, que dêem a essas culturas e a essas sociedades um pouco das anarquias ou do anarquismo, de que elas parecem precisar para utilização dos excessos de totalitarismo de caráter sociológico de que vêm sofrendo, quer nos países denominados socialistas, quer em alguns dos chamados democráticos”. (53).

No trabalho *On the Iberian Concept of Time*, Gilberto Freyre, com muita razão mostra que “os povos ibéricos da Europa e os neo-ibéricos de outras partes do mundo têm o que ensinar, aos que, tendo a eles se adiantado em aspectos tecnológicos de civilização”, contudo, “perderam quase de todo a capacidade de viverem ludicamente o tempo livre: arte em que” — tais povos tecnologicamente avançados — podem receber lições dos tecnicamente retardados povos ibéricos (54).

(52) — Traduzida do inglês para o português por Waldemar Valente, embora ainda não publicada.

(53) — Idem.

(54) — Idem.

Basta que se leve em conta a riqueza folclórica dos ibéricos, com suas danças, músicas, jogos, folguedos e recreações de todos os tipos — alguns deles, trazidos com a colonização portuguesa para o Brasil, como é o caso do Fandango, Chegança ou Marujada, que lembram as lutas entre mouros e peninsulares. Também o Pastoril. Danças, cantos, jogos, folguedos, verdadeiros espetáculos, dos quais o povo participa ativamente, fazendo concorrência com os próprios personagens dos folguedos, criando desse modo situações imprevisitas, verdadeiros suspenses, dando afinal ao espetáculo um cunho todo particular de originalidade. De ineditismo. De criatividade. Despertando ou cultivando qualidades dionisiacas ou atenuando as apolíneas, pelo contacto com a alegria contagiante dos que se divertem.

Nas fábricas todas estas coisas são indispensáveis. O operário que não apresenta ou não tem condições para utilizar o seu tempo livre em divertimentos do seu gosto, sobretudo aqueles que desempenham um papel um tanto social, será sempre um triste, um bisonho, mesmo que sua tendência psicológica seja de um dionisiaco, não sendo difícil que se torne um neurótico. E com a neurose, um revoltado. Antropologistas e médicos, principalmente psico-neurologistas e cardiologistas, nas fábricas, como nos quartéis, nos colégios, nas Universidades, nas repartições públicas, devem trabalhar dentro de um sentido de interrelacionamento. A automação, crescente nas indústrias, está a reclamar, de modo cada vez mais urgente que os problemas focalizados sejam estudados, periodicamente, sob forma de inquérito, a fim de que possam receber soluções capazes de não permitirem a desumanização total do trabalho.

O desenvolvimento tecnológico só pode ser bem sucedido se utilizar no seu planejamento e nas suas operações os pa-

drões culturais dos povos ou dos indivíduos que dele vão participar, como também valores e motivações dos inovadores e a própria dinâmica social do ambiente do projeto (55).

Só o antropólogo, não dispensando arrogantemente o auxílio que a Sociologia, a Psicologia Social e outras ciências sociais, inclusive a Economia e a Política, são capazes de oferecer, terá condições de resolver problemas ligados, por exemplo a certos casos de Saúde Pública — como já ficou, em parte salientado — ou, entre outros casos, esciarecer e mesmo solucionar aspectos da problemática industrial.

Tem razão Foster (56) quando diz que “não há guias de Antropologia sem mestre que digam que determinados fragmentos de teorias ou fatos são indispensáveis para problemas específicos”. É claro que o conhecimento teórico não pode ser dispensado. Conhecimento que envolve um mundo de especialidades. Inclusive uma filosofia. Uma moral. Uma ética.

Mas, na verdade, “a intuição, a capacidade para sentir problemas e modos de ataque, é essencial para que o cientista behaviorista possa trabalhar com êxito num ambiente de ação”. Em trabalho-de-campo, o antropologista, fazendo aplicação prática, “deve ser sensível ao maior âmbito possível de estimulantes” (57), no tipo de trabalho escolhido.

Outra vez, citando Foster (58): acredito firmemente que os cientistas sociais e particularmente os antropólogos devem representar um papel mais ativo nos programas de auxílio técnico.

Em 1964, o Conselho Estadual de Educação, por sugestão de modesto professor, incluiu no *currículum* do Curso Nor-

(55) — George M. Foster — *As Culturas tradicionais e o impacto da Tecnologia*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962. Consultar também: Leighton, A. H., in *The Governing of Man*. Princeton, 1945.

(56) — Op. cit.

(57) — Foster, op. cit.

(58) — Idem.

mal do Instituto de Educação de Pernambuco, a Cadeira de Antropologia, com especial ênfase no seu aspecto Cultural. Tratava-se, na verdade, de uma iniciativa pioneira.

Pela primeira vez, no Brasil, no Ensino Médio, num Curso de Formação de Professores Primários o ensino de Antropologia era feito de modo sistemático, embora como disciplina optativa.

Indicado pela Direção do IEP para ministrar a nova cadeira — sendo eu catedrático por concurso de títulos e provas da Cadeira de Biologia Educacional e catedrático de Antropologia da Faculdade de Filosofia do Recife e da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manuel da Nóbrega — procurei o mais possível, mesmo sem dispor de recursos necessários, apenas contando com a minha boa vontade e o entusiasmo das alunas, além do indispensável preparo teórico, mostrar os usos e aplicações práticos da Antropologia, inclusive realizando pesquisas e trabalhos de campo. Algumas vezes, invertendo as posições: partindo dos interesses práticos e das aplicações para as demonstrações teóricas. Uma destas pesquisas visou, de alguma forma, uma aplicação prática voltada para certo campo de indústria: a da fabricação de elevadores.

A referida pesquisa sondava determinado tipo de neurose, para a mesma buscando uma explicação. Neurose que se vem propagando cada vez mais, pelo ritmo acelerado de vida, com seus problemas emocionais e preocupações de todo tipo, terminando com o seu colorário inevitável: o *stress*. A neurose pesquisada era a *claustrofobia*, isto é, medo de permanecer em recintos fechados — de modo especial nos elevadores — e no meio de grandes multidões. O material humano usado foram normalistas dentro da faixa etária de 15 a 24 anos. As conclusões a que chegou o inquérito foram as seguintes: 1) cerca de pouco mais de 50% das alunas revelava a neurose da claustrofobia, particularmente nos elevadores; 2) inter-

rogadas sobre o modo de aliviar tal neurose, responderam quase todas que bastaria uma porta de grades de ferro, pois a visão do exterior reduzia ou anulava a angustia neurótica.

Aqui, vai uma sugestão: porque os fabricantes de elevadores não investigam, em âmbito maior, abrangendo diversas faixas etárias, numa pesquisa bem organizada, a existência de tal neurose e, com o auxílio da técnica e sem ocasionar riscos para a integridade física das pessoas, de modo a criar meios de corrigir o que porventura constitui causa da citada neurose?

Não se pode omitir, pela sua importância prática num trabalho sobre Antropologia aplicada, o ensaio que representa o primeiro capítulo de um livro de Guilherme Bonfil Batalha, sob o título *Diagnóstico sobre el hombre em Sudzal. Yucatán* (um ensayo de antropologia aplicada) (59). Tal trabalho vale como introdução ao estudo de aspectos sócio-culturais da subalimentação numa comunidade mexicana. O autor adota ponto-de-vista evolucionista, com método funcionalista e dialético aplicados para o entendimento das estruturas globais. Embora se opondo ao "approach" de cientistas americanos como Adams (60), Foster (61) e Kelly (62).

(59) — Publicado no Instituto Nacional de Antropologia e História do México, em 1962, e reproduzido em *América Latina*, Rio de Janeiro, Brasil, 6(1) jan.mar. 1963. Também, não se pode omitir, o recentíssimo livro de Roger Bastide — *Anthropologie Appliquée*. Paris, Payot, 1971. Neste trabalho, vale a pena transcrever o seguinte trecho, a propósito de planificação: esta "não seria realmente, senão uma forma contemporânea do racismo, um racismo cultural (mesmo quando a planificação é solicitada pelos governos dos países subdesenvolvidos; pois a análise da escravidão tendo demonstrado que existe a interiorização, pelo escravo, dos valores de seu senhor, podemos generalizar e dizer que há a interiorização do colonialismo na personalidade do antigo colonizador)".

(60) — Adams, R. N. — *La antropologia aplicada en los programas de salud pública de la América Latina*, B. de la Oficina Sanitária Panamericana, Washington, 24(4), 1952. Do mesmo autor: *Notas sobre la aplicación de la Antropología*. B. de la Oficina Sanitária Panamericana. Washington, Supl. 2, 1955.

(61) — Foster G. M. — *Papel de la antropologia en los programas de salud*. B. de la Oficina Sanitária Panamericana, Washington, 33(4), 1952.

(62) — Kelly, I. — *An Approach to the Improvement of Diet*. Conference on Malnutrition and Food Habits. Cuernavaca, Mexico, 1960.

É com a maior satisfação que vejo no Instituto Joaquim Nabuco um grupo de cientistas sociais, de pesquisadores e assistentes de pesquisas, que não cessam de estudar, de aprender, de ganhar experiência na realidade ecológica de situações específicas regionais, sub-regionais e até micro-regionais. Existe neste Instituto a noção exata a que se refere Gilberto Freyre a propósito de T. McCay (63), quando se refere ao chamado "perpetual student". O "estudante eterno", nas várias gerações que também se ligam, na mais cordial das relações humanas. O jovem quase adolescente, ao lado do homem maduro e dos de idade que já se pode chamar de provector. O que é interessante: em todos o mesmo entusiasmo, o mesmo ânimo, a mesma jovialidade, o mesmo interesse voltados para os problemas sócio-culturais que afligem o homem do Norte e Nordeste. Com especialidade o da zona rural nordestina.

Arrematando sugestões e comentários em torno da chamada Antropologia "aplicada", ou "prática", como querem outros, visando valorizar diversos dos aspectos de suas aplicações ou de suas utilizações práticas, não posso deixar de salientar o artigo de eminente crítico inglês, Christopher Roper, em *The New Society*, de Londres, quando destaca a antecipação brasileira do interrelacionismo no campo das ciências sociais que se vem praticando no Joaquim Nabuco. Antecipação ou pioneirismo sempre animados pela ação renovadora e criadora do sociólogo Gilberto Freyre. Deste modo evitando certos "imperialismos", a que o sociólogo Renato Carneiro Campos tem, por várias vezes, em tom amistoso, aludido.

Graças a esse interrelacionismo que vem funcionando no IJNPS e graças às insistentes sugestões de Gilberto Freyre, pôde a Antropologia ocupar o lugar que realmente merece entre as demais ciências sociais. Mesmo quando as pesquisas em convênio com importantes instituições empre-

(63) — *The Management of Time*, N.Y., 1959.

sariais visem objetivo essencialmente econômico. Essencialmente, mas não exclusivamente, uma vez que não há fato ou fenômeno econômico que se mostre isolado, inteiramente separado do social, do religioso, do político, do educacional, do artístico, do cultural no seu mais largo sentido. Noutras palavras: não pode libertar-se das implicações antropológicas.

Referências Bibliográficas

- ADAMS, R. N. — *La Antropologia aplicada en los programas de salud pública de la America Latina*. B. Ofic. Sanit. Panamer., Washington, 24(4) 1952.
- — *Notas sobre la aplicación de la Antropologia*. B. Ofic. Sanit. Panamer., Washington, 1955. Supl. 2.
- ANCHIETA, José — *Cartas*.
- BASTIDE, Roger — *Anthropologie appliquée* Paris, Payot, 1971.
- BATALHA, Guilherme Bonfil — *Es aplicable la Antropologia "Aplicada"?* In: *America Latina*, Rio de Janeiro, 6(1) jan./mar. 1963.
- — *Diagnostico sobre el hombre en Sudzal. Yucatan (un ensayo de antropologia aplicada)*. Mexico, Instituto Nacional de Antropologia e Historia, 1962.
- BEALS, Ralph L. & HOIJER, Harry — *An Introduction to Anthropology*, New York, MacMillan, 1953.
- BENEDICT, Ruth — *Patterns of Culture*. New York, 1934.
- BERARDINELLI, Waldemar — *Tratado de Biotipologia e de Patologia Constitucional*. 4. ed. Rio de Janeiro, 1942.
- BOWEN, Howard R. & MANGUM, Garth L org. *Automação e progresso econômico [Automation and economic progress]* Trad. de Albertino Pinheiro Júnior. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

- CARDIM, Fernando — *Tratado da terra e da gente do Brasil*.
- COLE, Lewis Gregory & COLE, William Gregory — *Pneumococcosis*. New York, John B. Pierce Foundation, 1944.
- COMAS, Juan — *Manual de antropologia física*. Mexico, Fundo de Cultura Economica, 1957.
- EGGAN, Fred — A antropologia social e o sistema educacional. In: *Educ. Ci. Soc.*, Rio de Janeiro, 10, abr. 1959.
- FOSTER, George M — *Papel de la antropologia en los programas de salud*. B. Ofic. Sanit. Panamer., Washington, 33(4) 1952.
- — *As culturas tradicionais e o impacto da Tecnologia*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.
- FREYRE, Gilberto — "O Futuro Brasileiro". Capítulo de trabalho ainda inédito.
- — *On the Iberian Concept of Time. The American Scholar*.
- — *Problemas Brasileiros de Sociologia*. 3. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962.
- KESSING, F. M. et alii — *Anthropology and industry — some exploratory work papers*. Stanford, Cal., 1957.
- — *Some uses of anthropology: theoretical and applied*. Washington, 1956.
- KELLY, I. — *An approach to the improvement of diet*. (Conference Malnutrition and Food Habits). Cuernavaca, Mexico, 1960.
- KLUCKHOHM, Clyde — *Antropologia em ação*. In: ——— *Antropologia — um espelho para o homem*. Trad. de Neil R. da Silva. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963.
- LAUGIER, H. — *Les méthodes biotypologiques et la classification humaine*. Londres 1934.
- LEIGHTON, A. H. — *The governing of man*. Princeton, 1945.

- LOPES, Juarez Rubens Brandão — *Desenvolvimento e mudança social*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.
- McCay, T. — *The management of time*. New York, 1959.
- MAIR, Lucy — *Introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- MALINOWSKI, Bronislaw — *Argonauts of the Western Pacific*. London, 1922.
- — *A scientific theory of culture and other essays*. N.C., 1944.
- — *The sexual life of savages in North-Western Melanesia*. London, 1929.
- MARTY, Paul — *Études sur l'islam au Dahomey*. Paris, 1926.
- MEAD, Margaret — "Mental Health during Technical changes". In — *Cultural Patterns and Technical Change*. New York, New American Library, 1955. cap. 5.
- — "Specific mental Health implications of Technical change". In: — *Cultural Patterns and Technical Change*. New York, New American Library, 1955. Cap. 4.
- MONGE, Carlos — "Biological basis of human behavior." In: *Anthropology Today*, 1953.
- NÓBREGA, Manuel — *Cartas*.
- "Os objetivos atuais da Antropologia nos Estados Unidos". In: *PANORAMA das Ciências do Comportamento*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964. Cap. 2.
- ORTIZ, Fernando — *Los Negros brujos*. Madrid, 1906.
- REDFIELD, Robert — *The primitive world and its transformation*. New York, 1953.
- "As relações entre a Medicina e a Religião." In: *O Médico Moderno*, maio 1969.
- ROPER, Christopher — *The new society*. London.

- SAMUELSON, Paul A. — *Introdução à análise econômica*. Trad. de Luís Carlos Nascimento Silva. Rio de Janeiro, Agir, 1969.
- SHELDON, W.H. *Les Variétés de la Constitution Physique de l'homme*. Trad. de André Ombredane. Paris, Presses Universitaires de France, 1950.
- SMITH, Edwin — *The golden stool*. 1927.
- SPLINDER, G.D. — *Education and Anthropology*. Stanford, Cal. 1955.
- VALENTE, Waldemar — *Biografia de uma Cadeira (Importância da cadeira de Sociologia no Instituto de Educação de Pernambuco)*. Trabalho inédito, prestes a ser publicado.
- — *Fundamentos biotipológicos da educação*. Recife, 1941.
- — *O Índice de Manouvrier e sua significação em educação física escolar*. Recife, Ed. Nery da Fonseca, 1948. (Tese de Concurso).